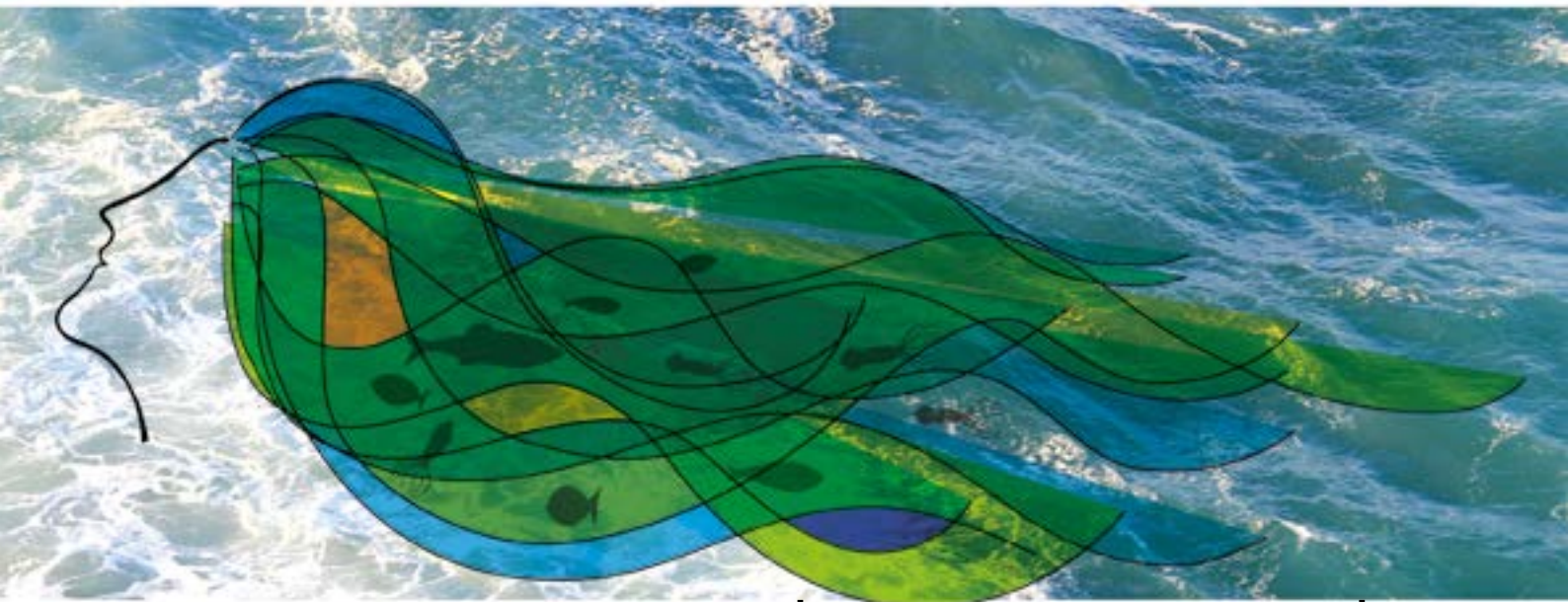


revelando



a pesca de pequena escala





## A Pesca de Pequena Escala

A vida de mais de 560 milhões de pessoas está atrelada, direta ou indiretamente, à pesca, e a maior parte destes (90%) está envolvida em atividades classificadas como sendo “de pequena escala”.

A pesca de pequena escala contribui para a nutrição e segurança alimentar, produção de alimentos com alto teor proteico, e como meio de subsistência e de combate à pobreza.

No Brasil, a pesca de pequena escala é normalmente denominada “pesca artesanal”, uma atividade de considerável importância socioeconômica ao longo dos 8600 km de litoral do país, além dos rios, lagos, lagoas, e cursos d’água associados às principais bacias hidrográficas do continente. Este tipo de pesca produz mais da metade de todo o pescado nacional, portanto, ela é **“grande demais para ser ignorada”**.

Pescarias artesanais podem utilizar embarcações, mas de pequeno porte, e, geralmente, usam níveis baixos de tecnologia e de investimentos de capital, além de representar um subsetor diversificado e dinâmico, cujas características variam muito entre as diferentes regiões do Brasil e do planeta. Este tipo de pesca costuma estar bastante enraizado em comunidades e tradições locais, refletindo elos entre os recursos pesqueiros, a cultura e os valores dos povos ribeirinhos, fortalecendo, dessa forma, a coesão social.

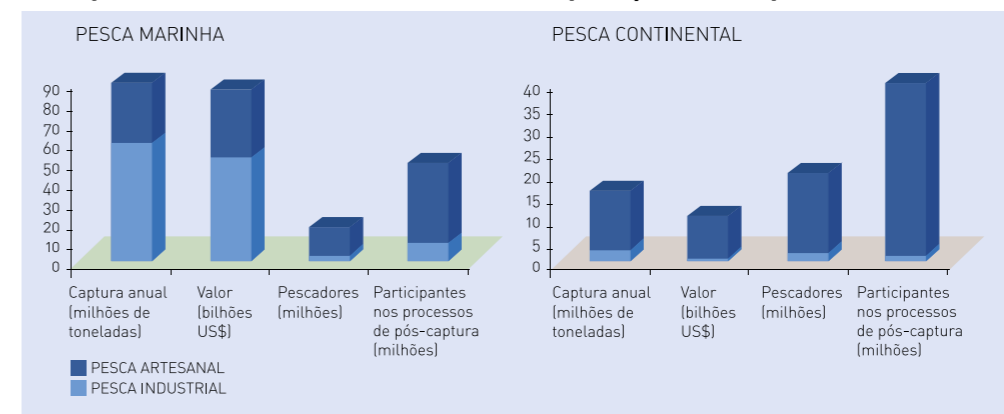
Para muitos pescadores e pescadoras do Brasil, a pesca artesanal representa um singular modo de vida e de lidar com a natureza. Para estes, mais do que uma profissão é um trabalho livre, de regime autônomo e coletivo, tendo como base de sustentação o conhecimento da natureza.

A pesca de pequena escala inclui todas as atividades ao longo da cadeia de valores: pré-captura, captura, e pós-captura, e envolve homens e mulheres, quando não famílias inteiras.

Uma importante peculiaridade é que as comunidades pesqueiras estabelecem uma relação bastante peculiar com os recursos naturais, o que os faz, normalmente, buscarem a preservação física e cultural dos seus territórios, apesar dos desafios encontrados.

Capturando praticamente a mesma quantidade de pescado para consumo humano do que a pesca industrial, ao nível mundial, a pesca de pequena escala emprega 25 vezes mais pescadores, utilizando muito menos combustível fóssil, um oitavo da quantidade utilizada pela pesca industrial.

### a pesca artesanal no mundo, em comparação com a pesca industrial



fonte: Banco Mundial/FAO/WorldFish (2010)

No Brasil, a lei que dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca (Lei Nº 11.959, de 29/06/2009), define pesca artesanal como sendo **“a atividade praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, podendo utilizar embarcações de pequeno porte”**.

Para os efeitos desta Lei, consideram-se parte da atividade pesqueira artesanal, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal.

Os pescadores e pescadoras do Brasil desenvolvem uma série de saberes e fazeres, baseados em elementos culturais de origem indígena, européia, e afro-brasileira.



## O que são Povos Tradicionais?

Segundo a legislação que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil (Decreto Nº 6.040, de 07/02/2007), compreende-se:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações;

III - Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

Segundo essas definições, os pescadores artesanais do Brasil seriam considerados povos tradicionais.



## O que são Reservas Extrativistas Marinhas?

Reservas Extrativistas (RESEX) Marinhas são áreas delimitadas com os objetivos básicos de proteger os meios de vida e a cultura de populações extrativistas tradicionais costeiras, assim como garantir a exploração auto-sustentável e a conservação dos seus recursos naturais.

RESEX é uma categoria de “Unidade de Conservação” Federal, amparada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, Lei nº 9.985, de 18/07/2000), criada estrategicamente para promover a sustentabilidade ecológica e cultural de povos e comunidades tradicionais. A partir de 2007 (Instrução Normativa 03, de 18/09/2007), as RESEX passaram a ter disciplina, diretrizes, normas e procedimentos próprios.

RESEX-Marinhas são normalmente criadas a partir da mobilização de comunidades tradicionais de pescadores artesanais, os quais utilizam e dependem, há gerações, dos recursos pesqueiros de uma dada região, e que, sofrem diversas pressões externas. Atualmente, mais de 100.000 famílias vivem em áreas de RESEX-Marinhas em 18 Estados Brasileiros.

## O que são Colônias de Pescadores?

São entidades representativas dos pescadores, atualmente equivalentes a um sindicato rural. Contudo, a origem das Colônias data de 1919, quando a Marinha do Brasil, preocupada com a segurança do litoral e dos grandes rios brasileiros no período pós-guerra, ordenou a vigilância dessas regiões a partir de “Zonas de Pesca” criadas com base na distância e número de pescadores - já que eram estes os cidadãos brasileiros que melhor conheciam e utilizavam essas regiões. Além do interesse militar, o fato do país iniciar o século XX importando grandes volumes de pescado, apesar do seu vasto litoral e águas interiores abundantes, contribuiu para o interesse governamental na criação das colônias de pesca.

Até hoje, as Colônias têm, no seu nome, o “Z” - Colônia Z-1, Z-2 e assim por diante (derivado do zoneamento original) e, em cada estado começa de novo com Z-1. Em cada estado, as colônias são representadas por uma Federação Estadual, que por sua vez são representadas pela Confederação Nacional dos Pescadores, ambas reconhecidas (Lei nº 11.699, de 2008) como “órgãos de classe dos trabalhadores do setor artesanal da pesca”.



# O 2º Congresso Mundial de Pesca de Pequena Escala

2<sup>nd</sup> WORLD SMALL-SCALE FISHERIES CONGRESS Options and Opportunities for Small-Scale Fisheries



**Quando ocorreu?** De 20 a 25 de setembro de 2014

**Onde?** Na cidade de Mérida, no México.

**Quem organizou?** Pesquisadores do “Centro de Investigación y de Estudios Avanzados” do Instituto Politécnico Nacional do México sediaram o evento idealizado a partir da rede de pesquisa internacional “Too Big to Ignore”. A Universidade de São Paulo (USP) participou da organização, a partir da colaboração da Prof<sup>a</sup> Mary Gasalla, do Instituto Oceanográfico, na Comissão Organizadora Internacional, juntamente com pesquisadores do México, Estados Unidos, Canadá, Holanda, Espanha, África do Sul, Tailândia e Índia. Alunos de pós-graduação da USP também colaboraram como voluntários.

**Quem participou?** Pesquisadores, estudantes, membros de organizações não-governamentais e governos, representantes das Nações Unidas e de comissões intergovernamentais, além de pescadores e pescadoras, somando 363 participantes, de 38 países.

**O que houve de novo em 2014?** Esta versão do Congresso Mundial teve diversas inovações, especialmente o evento “De Pescador para Pescador” e a participação inédita de pescadores de diversos países, especialmente da América Latina, Caribe e Espanha.

Além disso, foram organizados diversos painéis de discussão, com e entre pescadores, pesquisadores renomados, certificadores de selos sustentáveis, coletivos sobre as diretrizes internacionais da FAO para esse setor, uma noite de filmes documentários e um concurso fotográfico sobre pesca artesanal. O Congresso contou também com uma pré-sessão sobre Estudos Brasileiros, em Português.

Um dos destaques, oriundo da participação brasileira na organização, foi a articulação para uma seleção participativa de representantes dos pescadores artesanais do Brasil. Esta iniciativa se deu junto a setores da sociedade civil ligados à pesca artesanal brasileira, que, de forma auto-gerida e independente dos organizadores do evento, indicaram pescadores brasileiros para viajar a Mérida. O processo de escolha e financiamento dos representantes dos pescadores, que garantiu a participação de 3 lideranças significativas que pudessem multiplicar as experiências adquiridas no Congresso com seus pares, representou uma iniciativa democrática inovadora, que inspirou os demais países participantes.

A viagem dos pescadores brasileiros foi gentilmente financiada pela FAO (América Latina) e pelo Instituto Linha D'Água (Brasil).

# WSFC



**Quais foram os principais temas abordados?** O congresso foi dividido em diversas sessões temáticas, cobrindo as diversas dimensões transdisciplinares que abordam os desafios e soluções encontrados mundialmente para a sustentabilidade da pesca de pequena escala.

## Too Big to Ignore “Grande demais para ser Ignorado”

uma parceria global para a pesquisa sobre a pesca de pequena escala

**Too Big To Ignore (TBTI)** é um projeto internacional iniciado em 2012, com o intuito de:

- Elevar o perfil da pesca de pequena escala, promovendo sua visibilidade;
- Discutir ações contra a sua marginalização nas políticas nacionais e internacionais;
- Realizar pesquisas para a construção de políticas capacitadas para direcionar os desafios de sustentabilidade e segurança alimentar enfrentado pela pesca artesanal em todo o mundo;
- Promover capacitação para a governança da pesca de pequena escala.

Compreende 62 pesquisadores, 15 parceiros, e muitos colaboradores e estudantes de mais de 30 países, conduzindo atividades de pesquisa em 5 regiões do mundo:

África, Ásia & Oceania, Europa, América Latina e Caribe e América do Norte.

A rede está, atualmente, estruturada em 12 “clusters” de pesquisa.

Financiado pela SSHRC/Canadá (Social Sciences and Humanities Research Council), teve a USP como instituição proponente, a qual colabora também com a coordenação regional para a América Latina e Caribe.



saiba mais | [2wsfc.wordpress.com](http://2wsfc.wordpress.com) | [toobigtoignore.net](http://toobigtoignore.net)



## vozes

“Sou **Josemar**, pescador tradicional. Resido hoje em um território pesqueiro às margens do Rio São Francisco, na comunidade quilombola pesqueira denominada Caraíbas. Quase nasci dentro de uma canoa; aprendi a arte de pesca com meu tio avô, chamado Joaquim da Manga, ou Véio Joaquim, como era chamado carinhosamente por nós.

Quando saí para a primeira pescaria com ele tinha aproximadamente 6 anos de idade. Depois tive que ir para a cidade para poder estudar, onde fiquei até 1988. Em 1980 fiz concurso público para os correios onde fui trabalhar na cidade de Pirapora (sempre exigi que fosse perto de rio), mas mesmo com o emprego garantido não pude abandonar a paixão pela pesca, e à noite, sempre ia com companheiros pescar. Às vezes, voltava na hora de ir para o outro trabalho. Meus filhos seguiram outros caminhos por entender que a pesca se tornou uma atividade falida no Rio São Francisco.

Quando saí do correio, concentrei minha atividade exclusivamente na pesca. Em 1997, comecei a ajudar os pescadores nos seus procedimentos burocráticos, para o defeso, aposentadoria, e etc., pois nas comunidades pesqueiras da região mais ou menos 90% dos pescadores são analfabetos e dependem de alguém para conseguir alguns de seus direitos.

Nesse processo, fui me inteirando dos direitos dos pescadores e vendo que éramos explorados pelo modelo de organização que ora havia: cobrava-se mas não se recebia retorno do que contribuíamos para nossa organização. Descontentes com esse modelo existente, em 2004, na cidade de Unaí (MG), os pescadores fundaram a primeira colônia de pesca independente do modelo federativo brasileiro, e eu fui escolhido para ficar à frente da Diretoria que é agora ocupada por uma mulher. Mais tarde, em Santarém (PA), conheci pescadores integrantes do Movimento dos Pescadores do Baixo Amazonas, onde pudemos trocar experiências e saberes, foi muito importante ter conhecido esses guerreiros d'água!

Em 2009, com a nossa discordância da atuação do MONAPE e do MPA, que nasceram da luta dos pescadores, surge o movimento dos pescadores e pescadoras do Brasil, o MPP, propondo uma reunião paralela às conferências do MPA. Nessa conferência paralela (como ficou denominada por nós participantes), concluímos, em todos os grupos de trabalho, que a questão territorial era de fundamental importância para que a pesca artesanal continuasse existindo. Com essa conclusão, o MPP começou a cogitar uma lei de iniciativa popular para que o estado brasileiro reconheça os territórios pesqueiros em todo o

Brasil. Agora estamos em campanha para fazer esse debate e colher assinaturas por todo o Brasil, para levarmos o nosso projeto para o congresso nacional para regulamentação.

Já conseguimos sensibilizar alguns órgãos governamentais (SPU, MP), conseguindo um TAUS (Termo de Autorização de Uso Sustentável) para a comunidade pesqueira de Caraíbas. Esse povo está aí a centenas ou milhares de anos, e onde eles estão, o ambiente está preservado. Eles precisam dos rios, dos bichos, dos peixes, das matas, e etc... por isso usam os recursos com sabedoria para que eles não acabem, diferente de outros modelos de extração que compete com estas pessoas.

Em todo São Francisco há milhares de famílias, uns são Pescadores, outros vazanteiros, indígenas ou quilombolas mas todos advêm de um modo de vida centenário às margens do São Francisco e são um povo único, com seu jeito de ser, viver e fazer.

Esse é um breve relato da minha trajetória e da história do MPP na luta pela defesa da pesca artesanal ou tradicional, como gosto de chamar. Também participei de vários debates para a circulação da rede solidária da pesca, e de uma articulação popular em defesa do Rio São Francisco, pois precisamos de um São Francisco vivo: terra, água, peixe e povo!”

### **O que achou da experiência de ter participado do Congresso Mundial de Pesca de Pequena Escala, em Merida?**

**J:** Achei interessante e muito importante. Mas acho que houve entraves na comunicação por causa das línguas, e o espaço dos pescadores foi pequeno. Mas esse povo precisava muito desse espaço para se fazer ouvido. Juntos podemos até mudar o rumo do mundo!

### **O que aprendeu das experiências dos demais pescadores que conheceu ou ouviu depoimentos? O que há em comum entre vocês?**

**J:** Aprendi muita coisa, nem consigo enumerar. Diria que a pesca artesanal é a mesma coisa no mundo inteiro, com seus jeitos e modos específicos. O que temos em comum é que nosso jeito de fazer é exemplo para outras formas de uso dos recursos naturais: nunca pensamos em ficar rico com a pesca!

### **De acordo com as apresentações que assistiu, você considera importante o papel da pesquisa?**

**J:** Sim, muito importante! Mas lhe confesso

que também tenho medo das pesquisas, pois na maioria das vezes elas revelam a intimidade desses povos, que são usadas contra eles. Mas considero que quando bem usada, é de grande utilidade para a sobrevivência desses mesmos povos.

### **Que tipo de pesquisa vc acha que precisaria ser feita no seu território?**

**J:** Aprofundar na questão da revitalização do Rio São Francisco, mas uma revitalização popular, não essa midiática, que de vez em quando o governo fala mas não faz. Pesquisa-ação para mudar a realidade de vida dos ribeirinhos.

### **Gostaria de comentar algo sobre sua participação no evento?**

**J:** Acho que o fato de estar lá já foi muito importante. A questão de gênero ficou prejudicada pela baixa participação das mulheres da pesca, senti falta de uma marisqueira lá. E nos posicionamos politicamente através de uma carta pedindo uma reforma da gestão pesqueira no Brasil.





“Meu envolvimento com a CONFREM (Comissão nacional das RESEX marinhas) se iniciou durante o processo de sua constituição, em 2007. Assim como muitos companheiros, faço parte do grupo que mobilizou e articulou os extrativistas para a consolidação desta Comissão, pela necessidade de termos uma representação ao nível nacional que reconheça as especificidades do extrativismo costeiro e marinho.

Sou pescador desde criança e meus antepassados todos foram ligados à pesca. Sou de uma comunidade essencialmente de jangadeiros e pescadores estuarinos. Sempre tivemos na pesca a nossa principal fonte de renda e não nos imaginamos fora dela.

Venho da **RESEX de Canavieiras (BA)**, criada em junho de 2006, a partir de conflitos muito fortes e está indo muito bem graças a um processo onde as lideranças são as maiores responsáveis pela sua gestão. Somos uma das RESEX mais ativas do país e graças ao nosso processo organizativo conquistamos muitos benefícios sociais, uma rede de mulheres, uma moeda local própria, e muitos outros projetos. Nossa RESEX tem aproximadamente 2300 famílias beneficiárias.

A principal vantagem para os pescadores é a garantia territorial, a melhoria da qualidade de vida e o empoderamento para implementar estratégias de gestão comunitária sustentável e implementação de políticas públicas. Os principais entraves tem sido a falta de fiscalização e de apoio para a construção do nosso plano de manejo virar realidade. ”

## vozes

**O que achou da experiência de ter participado do Congresso Mundial de Pesca de Pequena Escala, em Mérida?**

**C:** Importantíssimo. Principalmente para termos certeza que estamos no caminho certo. Também a oportunidade de tomar conhecimento da experiência de outros pescadores que estão atuando de forma similar em outros países, além de ver que temos muito a fazer juntos a técnicos, pesquisadores e comunidades tradicionais pesqueiras, para que tenhamos êxito no que buscamos (sustentabilidade).

**O que aprendeu das experiências dos demais pescadores de outros países que conheceu? O que há em comum entre vocês?**

**C:** Que algumas experiências exitosas podem ser compartilhadas e destacadas. Por exemplo, sobre a gestão pesqueira, os erros cometidos não precisamos repetir. Em comum, temos a vontade de continuar a fazer o que fazemos, e de morar onde moramos.

**De acordo com as apresentações que assistiu, você considera importante o papel da pesquisa?**

**C:** Imprescindível. Muitas informações que vi, respalda o que pensamos e fazemos, já outras não, o que nos faz refletir sobre a melhor estratégia a ser aplicada inclusive qual a mudança de hábitos necessária, pois alguns são prejudiciais a nós mesmos.

**Que tipo de pesquisa precisaria ser feita no seu território?**

**C:** Monitoramento e estatística pesqueira, ordenamento, avaliação sobre estoques marinhos, socioeconômica das comunidades, etc.

**Gostaria de comentar algo sobre sua participação no evento?**

**C:** Acredito que essa experiência nos traz um grande acúmulo de informações e o que mais me marcou foram as atitudes dos companheiros de outros países e os estudos que apontam para o risco de exaustão dos recursos pesqueiros. Os dados sobre a efetividade das ações de zoneamento dos territórios pesqueiros também foram de grande importância e já estamos debatendo isso na CONFREM. Ressalto também a importância da participação dos pescadores em espaços como o Congresso de Mérida.



Josemar Durães, Mary Gasalla e Carlos Alberto Pinto dos Santos (set/2014)

# Desafios e Direitos da Pesca de Pequena Escala

## desafios



felippe postuma

**SUSTENTABILIDADE ECOLÓGICA** Compreender e reduzir os impactos negativos da pesca nos ecossistemas vem sendo uma prioridade emergente para a conservação e o manejo sustentável, em todo o mundo. No atual contexto de degradação de ecossistemas por diversas causas antrópicas e empreendimentos, de crescimento populacional, e de aumento no poder de pesca em escala industrial, há uma necessidade emergencial de desenvolver estratégias de manejo para a pesca artesanal visando a sua sustentabilidade.

A pesca sustentável depende de ecossistemas saudáveis, e também de ações de manejo específicas e bem delimitadas geograficamente, visando: **evitar a sobre-pesca, a renovação dos estoques pesqueiros, e a proteção de habitats essenciais.**

A comunicação e a colaboração entre pescadores, cientistas, pesquisadores, organizações, regiões, e disciplinas, são essenciais para tratar objetivamente desses desafios. Existem diversas experiências de manejo bem sucedido, ao redor do mundo, que precisam ser compartilhadas, analisadas, e levadas em conta no intuito de atingir esses objetivos.



felippe postuma

**EQUIDADE SOCIAL** A sustentabilidade de comunidades de pescadores tem sido ameaçada pela sua destruição, descaracterização cultural, exclusão e, muitas vezes, até expulsão. A marginalização social de setores ligados à pesca de pequena escala, as disputas econômicas crescentes por espaços aquáticos, e inclusive pela pesca industrial, tem resultado em desafios para a equidade social.

Questões de gênero fazem parte dos desafios históricos, pois pescadoras e trabalhadoras envolvidas na cadeia produtiva da pesca não tem sido reconhecidas igualitariamente, e podem sofrer abusos e tratamento ilegal.

A natureza informal da pesca de pequena escala e os preconceitos relativos a esse setor colaboram com a exclusão social, que ocorre em muitos casos.

**VIABILIDADE ECONÔMICA** A pesca artesanal enfrenta diversos desafios econômicos, e estudos econômicos tem ajudado o setor pesqueiro a obter melhores rendimentos. Esforços para melhorar toda a cadeia produtiva da pesca artesanal, a criação de cooperativas, redes de economia solidária e de comércio justo, e movimentos ligados diretamente a consumidores e "chefs" de cozinha tem colaborado para melhorar a viabilidade econômica da atividade pesqueira artesanal.



## direitos

Ações e organizações buscando garantir direitos básicos aos pescadores artesanais, além de promover a sua auto-organização, tem incentivado o surgimento de propostas de inovação social, tanto ao nível nacional, como internacional.

Alguns grupos de destaque são:



O Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP) busca representação frente ao poder público, além de articular pescadores e pescadoras para o seu empoderamento e direitos de identidade cultural, moradia, e permanência em seus territórios. Atualmente, participam cerca de 50 mil pescadores e pescadoras do mar, dos açudes e dos rios, por todo o Brasil.



Uma campanha lançada em Brasília/DF em Junho de 2012, busca a assinatura de 1% do eleitorado brasileiro para uma lei de iniciativa popular que propõe a regularização do território das comunidades tradicionais pesqueiras.



Fundado em Olinda/PE em 1969, e se expandindo para outras comunidades eclesiais de base ligadas à Igreja Católica, atua na defesa dos pescadores por dignidade, justiça social e ambiental,

transformação pela organização e trabalho coletivo. Essa entidade vem promovendo a denúncia dos impactos, sofridos por comunidades pesqueiras em todo país, que costumam negar seus direitos e criam conflitos em seus territórios.



A Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas e Povos Tradicionais Extrativistas Costeiros e Marinheiros (CONFREM) busca desenvolver, articular e implementar estratégias visando o reconhecimento e a garantia dos territórios extrativistas tradicionais costeiros e marinhos na dimensão social, cultural, ambiental e econômica, garantindo os seus meios de vida e produção sustentável.



## As Diretrizes da FAO para a Pesca de Pequena Escala

FAO é a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, cuja visão atual para a pesca de pequena escala defende que:

- a sua contribuição para o desenvolvimento sustentável seja totalmente realizada;
- pescadores e trabalhadores de pesca de pequena escala não sejam marginalizados; e que
- a importância da pesca de pequena escala para as economias nacionais e segurança alimentar seja reconhecida, valorizada e enfatizada.

Em junho de 2014, os países membros da FAO aprovaram a adoção das “DIRETRIZES VOLUNTÁRIAS PARA A GARANTIA DA PESCA SUSTENTÁVEL DE PEQUENA ESCALA NO CONTEXTO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E REDUÇÃO DA POBREZA”. Esse documento, sendo o primeiro instrumento internacional dedicado à pesca de pequena escala, e que leva em conta os direitos humanos para o uso dos recursos pesqueiros, significa um momento histórico para os pescadores artesanais de todo o mundo.

As Diretrizes foram desenvolvidas por um processo participativo e consultivo, envolvendo representantes das comunidades de pesca de pequena escala, organizações da sociedade civil (OSC), governos, organizações regionais e outras partes interessadas.

O objetivo final das Diretrizes é que suas disposições sejam incorporadas na legislação e nos instrumentos regionais e internacionais que regem a pesca de pequena escala.

O documento dividido em três partes (introdução, as diretrizes e implantação dessas diretrizes), versa e orienta sobre as obrigações que os Estados devem cumprir para garanti-las às sociedades que as aderiram voluntariamente.

Essas obrigações dizem respeito a:

- **Governança responsável e direitos humanos**
- **Desenvolvimento social, emprego e trabalho decente**
- **Inclusão socioeconômica das cadeias de valor, pós-colheita e comércio**
- **Igualdade de gênero**
- **Riscos de desastres e alterações climáticas**

Para garantir um ambiente favorável à implementação dessas diretrizes, os Estados devem zelar por:

- **Coerência política, colaboração e coordenação institucional**
- **Informação, investigação e comunicação**
- **Apoio na implementação e monitoramento da pesca de pequena escala**



## agradecimentos

II World Small Scale Fisheries Congress (Merida, México): Alejandro Flores, Carlos Alberto Pinto dos Santos, FAO (Food and Agriculture Organization, United Nations), Felipe Leal, Jocemar Mendonça, Josemar Alves Durães, Rafael Ribeiro, Ratana Chuenpagdee, Silvia Salas, TBTI (Too Big to Ignore global partnership), e delegação brasileira.

Universidade de São Paulo: PRCEU, Comissão de Cultura e Extensão do IOUSP, Profa. Elisabete dos Santos Braga, Maria de Lourdes Bastianello Junior, Alexandre Carvalho, Tatiana Pacini, Felipe Postuma e equipe de pesquisa do LabPesq.

## sobre

Este livreto foi financiado pela Pró-reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo (PRCEU), a partir do projeto “UMA AÇÃO LOCAL E GLOBAL PARA A PESCA DE PEQUENA ESCALA: COMUNIDADES, LIDERANÇAS, CIENTISTAS”

Coordenação, edição e fotos: Mary Gasalla  
Colaboração: Caroline Ykuta  
Diagramação, layout e capa: Tatiana Pacini

Para divulgar pesquisas latino-americanas sobre a pesca de pequena escala, ao resto do mundo, está em andamento uma edição especial internacional (<http://www.maritimestudiesjournal.com/series/LACSSF>)

O **Laboratório de Ecossistemas Pesqueiros (LabPesq/IOUSP)** tem como missão desenvolver atividades de pesquisa, ensino, e extensão, na área de Ciências da Pesca, integrando diversas disciplinas e fontes de conhecimento. Os projetos mais recentes sobre: cadeias produtivas (CNPq), indicadores econômicos (CNPq), lulas (Biota-FAPESP), mudanças climáticas (FAPESP/Belmont Forum), FEK/LEK (CNPq), e “Vozes da Pesca” (Aprender-PRCEU) vem gerando uma série de novas informações, análises, publicações, e ações coletivas.

---

Praça do Oceanográfico, 191. Cidade Universitária, Butantã, São Paulo, 05508-120, SP, Brasil  
email [mgasalla@usp.br](mailto:mgasalla@usp.br) • tel +55 11 3091 6549

Gasalla, M.A. & Ykuta, C. 2015. Revelando a pesca de pequena escala.  
Universidade de São Paulo, Instituto Oceanográfico, São Paulo. ISBN: 978-85-98729-27-5